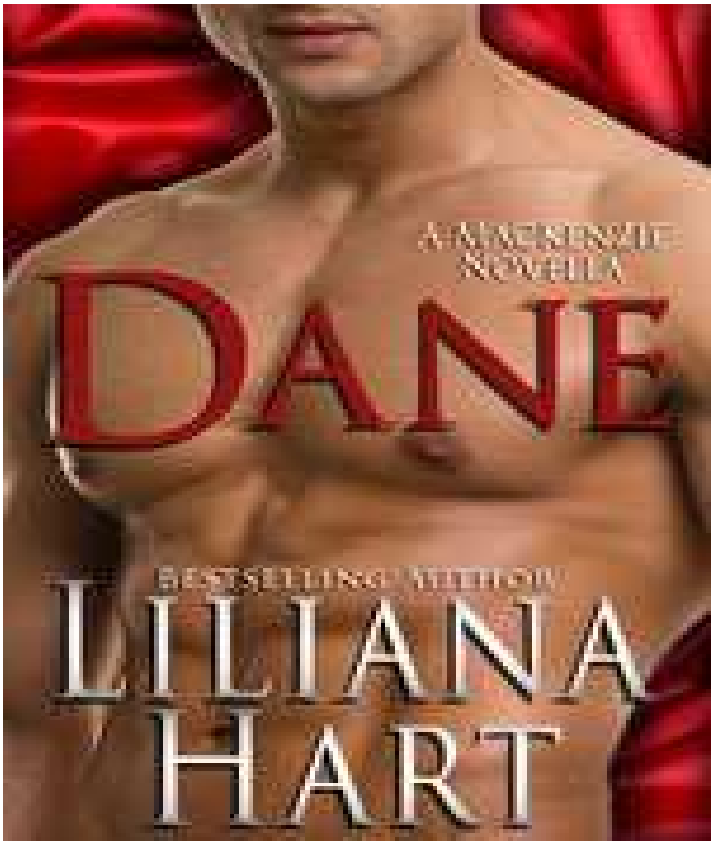


SÉRIE FAMILIA MACKENZIE 01 - DANE

Disponibilização e Revisão Inicial: Mimi

Revisão Final: Angéllica

Gênero: Hetero / Contemporâneo

Este é o livro n º 1 do Quarteto Irmãos MacKenzie! O Bad boy, Dane MacKenzie, está voltando para casa em Surrender, Montana. Já se passaram dez anos desde que deixou a mulher que amava para trás e fazer um nome a si mesmo, e agora ele está ligado e determinado a reclamá-la de uma vez por todas. Mas Charlotte Munroe não tem desejo de receber em casa o filho pródigo com um novilho gordo. A amargura da traição de Dane é mais profunda, e ela não tem planos de deixá-lo de volta em sua vida. Especialmente desde que ela está tentando proteger o filho, que Dane não tem conhecimento que existe, de desgosto, pois ela tem certeza que ele só vai sair de suas vidas novamente.

COMENTÁRIOS DA REVISÃO

MIMI

Olha que 10 anos é muito tempo pra ficar separado e muito tempo pra não procurar e ter noticia do outro. Certo, consideremos o fato que ele teve motivos: cidade pequena, sem perspectivas e tudo mais. Mas ainda é muito tempo. O que sobrou foi sexo muito hot, e um reencontro de dar agua na boca. É o primeiro livro da família, que promete nos levar em viagens, altamente perigosa a nossa libido. kkkk Leiam e comentem.

ANGÉLLICA

Uau, que o Dane é uma potência!!

Mas frigideira nele, só porque é um TDB, bem constituído e dotado, foi só piscar os olhinhos azuis que a Charlotte já foi tirando as calcinhas.

Isto é o que eu chamo de carne fraca, literalmente.

Só neste livro eles tiraram uns bons anos de atraso, se todos os irmãos forem assim preciso renovar o kit de resfriamento.

CAPÍTULO UM

Houve quem disse que Dane MacKenzie nunca atingiria nada. Que ele passaria a vida à deriva de um lado para outro, nunca se estabelecendo ou assumindo um pingo de responsabilidade. Havia até mesmo alguns que disseram que ia acabar atrás das grades ou a seis pés sob a terra. Ele tinha estado mais perto de ambos do que queria admitir.

Dane tinha o corpo de um briguento e os punhos prontos, mas havia algumas pessoas, geralmente mulheres que reivindicaram o sorriso que enfeitou os lábios sensuais, quando os punhos ligavam à carne de outro homem, que era o suficiente para fazer qualquer mulher querer dar uma caminhada no lado negro. Embora ele não fosse tão ruim quanto costumava ser, sua reputação continuou a mesma.

Ele era um homem com apetites. As senhoras podem atestar isso também, pois havia deixado muitos corações partidos em seu rastro. Mas não importa que o prazer estivesse nas brigas ou sedução, violência ou compaixão, ele sempre colocava tudo o que tinha para o que ele queria.

Qual foi o ponto de jogar se você não vai ganhar?

Ele estacionou o carro rat trap[1] que tinha alugado para o lado da estrada, no topo de uma colina, apenas passando o agora entrando em Surrender, Montana, sinal que estava resistindo com a idade e um pouco torto. Fazia dez anos que ele esteva em casa. Claro, ele manteve contato com seus irmãos. Eles se reuniram uma vez por ano para o período de férias e mais uma vez no Natal. Mas sempre em outro lugar. Ele não tinha posto os pés em Surrender, desde o dia em que ele tinha jogado as malas no porta-malas de seu carro e corrido para fora da cidade.

1

Havia muitas memórias. Da antiga fazenda, que ele e seus irmãos tinham sido levantados. Dos Natais e aniversários. De luta e farra com seus irmãos, com igual abandono. As tarefas, os programas escolares, seu primeiro beijo no beco atrás do *Gruber Ice Cream Shoppe*. E, mais tarde, seu primeiro gosto de uma mulher – os desajeitados, corpos suados em um cobertor na parte de trás de sua caminhonete. Todas essas memórias estavam aqui, mas ainda hesitava na periferia da cidade.

Dane abriu a porta do carro e saiu, ignorando o tremor do motor e tosse de fumaça do escapamento. Não havia um monte de opções para aluguel de carros, quando um de seus amigos tinha voado com ele para a pista privada de 30 milhas ao sul de Surrender, então ele tinha levado as chaves do enferrujado Honda e manteve seu foco e chegar a casa em uma peça. Mas agora que estava aqui, não queria nada mais do que dar meia volta e voltar para o aeroporto.

Tudo era exuberante e verde no meio de julho. Surrender foi aninhada confortavelmente na parte inferior do morro, uma joia de cercas brancas e celeiros vermelhos com centenas de hectares de pastagens pontilhadas com gado vagando, que era pão e manteiga de tantas pessoas nesta parte do mundo. A cidade em si foi uma longa estrada, e uma fileira de empresas emparedadas, flanqueado de cada lado da rua. Todas tinham correspondência de toldos pretos e calçadas de madeira. Era exatamente a mesma de quando ele tinha deixado.

Uma sensação desconfortável alojou no seu estômago. Ele nem sequer sabia por que chegou em casa. Em parte por seus irmãos. Ele sentia falta deles, mais do que queria admitir. E em parte porque estava cansado de viajar. Cansado de não ter um lugar próprio em movimento a partir de florestas para quartel de casebres do terceiro mundo e hotéis cinco estrelas. Ele sempre foi onde a história o tinha levando. Precisava da aventura. Para provar que ele poderia sobreviver fora de Surrender. Sem seus irmãos lá para pegá-lo se caísse.

Mas agora ele estava aqui. Finalmente em casa.

E Charlotte não estava. Ele perdeu sua chance lá. Foi seu único arrependimento por sair. A pontada de memória não tinha censurado ao longo dos anos. Lembrava-se dela ainda

jovem e bonita. Cabelo preto e olhos verdes brilhantes. A língua sarcástica, e uma gargalhada sempre pronta em seus lábios carnudos. Um corpo apenas começando a se tornar uma mulher. Tinha dezoito anos quando a sentiu debaixo dele pela primeira vez. E nos dez anos seguintes, nenhuma mulher jamais chegou perto de fazê-lo sentir o mesmo, embora ele tentasse apagar sua memória o mais rápido possível.

Ele esfregou seu peito um pouco mais seu coração e voltou para o carro. Estava ali para enfrentar seus demônios. Para enfrentar seu passado. E não havia nenhum ponto em dragagem a memória da garota que ele amava e que se afastou, porque não tinha tido a coragem de ficar. Ele a viu em seus sonhos na maioria das noites de qualquer maneira.

Seus irmãos lhe disseram que Charlotte tinha as malas e deixou a cidade apenas um par de meses depois que ele tinha, e não sabiam onde ela tinha ido. Era melhor. O passado pertencia ao passado. Pelo menos foi isso que e tentou convencer a si mesmo. Ela provavelmente foi casada com um par de filhos até agora, nunca pensando no menino que a tinha deixado para preservar a sua própria sanidade.

Dane passou o carro em primeiro lugar, e apertou os dentes ao som profano que cumprimentou seus ouvidos. O carro arrancou com um puxão, tremeu e ele estava em seu caminho nas entranhas de Surrender, se quisesse estar ou não.

O carro morreu menos de uma milha a partir da periferia da cidade. Ele a pegou com um encolher de aceitação – esteve em muitas situações semelhantes ao longo de sua carreira, não tomando as coisas como elas vieram e agarrou sua bolsa a partir do tronco. O sol estava começando a definir, uma bola laranja de fogo, situada entre as duas colinas – e o céu se tornou cinza, pairando apenas no limite das trevas.

Dane empurrou seus óculos de sol em cima de sua cabeça e pendurou sua bolsa por cima do ombro. Ele não dormia há mais de vinte e quatro horas. Quando estava voando para fora do Afeganistão e pegando quatro diferentes ligações em ponte para chegar em casa, um homem tinha uma tendência a manter os olhos abertos e seu cérebro alerta.

Seus sapatos chutaram a poeira quando ele começou a caminhada para a cidade. Todos estavam se preparando para fechar pela noite. Era ainda mais cinco

quilômetros, antes de chegar à fazenda, mas se ele teve a sorte que seu irmão estaria de plantão durante a noite, poderia pegar uma carona para casa no carro de polícia. Sorriu com a ironia. Havia muitas pessoas que achavam que ele ia passar muito tempo na parte de trás de um, antes que ele tivesse deixado. Se estivesse realmente com sorte, haveria o jantar ainda quente no fogão. Ele não tinha uma refeição decente em um par de dias.

O mais perto que chegou à cidade, mais percebeu que as coisas tinham mudado. Alguns mais do que outros. Ele ouviu a música antes que viu de onde estava vindo. Rock Clássico pulsante de um prédio de lata branco com um toldo azul e várias portas da garagem abertas. Era o mesmo edifício que tinha estado lá antes que deixou, mas já não era um posto de gasolina de serviço completo. Um novo cartaz com letras pretas fluindo disse *Charlie's Automotive*. Não faria mal parar e ver se eles poderiam rebocar o pedaço do carro de merda que ele tinha deixado na estrada. Iria salvar seus irmãos de ter que ajudá-lo a cuidar dele mais tarde.

Dane enfiou a cabeça no escritório com ar condicionado. Era gritante em paredes de aparência branca, carpete cinza utilitário e um balcão de preto sólido com papéis empilhados e faturas. Outra porta de vidro levou para a garagem, e um sinal de banheiro foi pregado na outra.

Não havia ninguém à vista, então ele seguiu o som da música para a garagem. Três dos quatro compartimentos tinham carros em estados à espera de atenção diferentes, mas ainda não viu ninguém. O tilintar de metal contra o pavimento tinha-lhe movendo entre um velho Chrysler e um novo Ford pickup. Um par de pernas cobertas com macacão azul presa por baixo da Chrysler, os joelhos dobrados e as botas batendo com a batida.

"Desculpe-me." Disse ele, lançando sua voz através da música. Ou pelo menos tentando. Era difícil competir com Robert Plant.

Uma mão suja sentiu ao longo do chão, em busca de uma ferramenta de algum tipo. Dane se abaixou, pegou uma chave inglesa pesada e a colocou na mão vagando. Ele estremeceu quando ouviu a conversão de uma cabeça batendo no lado de baixo do carro de

surpresa, e mudou-se para fora do caminho, quando o macacão saiu de debaixo do carro como uma vingança.

O primeiro pensamento que veio à mente de Dane era que ele nunca tinha visto um homem tão pequeno, mas depois ele percebeu que os macacões largos estavam escondendo um corpo decididamente delicado. A curva suave do pescoço e pele de porcelana, suja de graxa. Definitivamente não era um homem. Uma mão suja esfregou o nó formado sob o cabelo preto e grosso. Vívidos olhos verdes emoldurados com cílios escuros olharam para ele com ressentimento. Olhos de sereia. Ou pelo menos era o que ele uma vez comparou-os. Mas pela forma como eles estavam atirando fogo em sua direção, eles se assemelhavam ao de uma feiticeira, prontos e dispostos a transformá-lo em pó com um movimento do pulso.

Ele sentiu o sangue de seu rosto e deu um passo para trás.

Ela pegou o controle remoto do capô do carro e desligou a música, deixando um eco em seus ouvidos. Ou talvez fosse seu batimento cardíaco batendo loucamente fora de controle.

“Charlotte?” Ele sussurrou, com medo que estava tendo alucinações.

"Bem, se não é o próprio Filho Pródigo. Seu filho da puta inútil."

Dane mal teve tempo de abaixar quando a chave pesada navegou em direção a sua cabeça.

CAPÍTULO DOIS

Charlie Munroe deu com satisfação quando a chave deslizou um pouco mais da orelha de Dane e ressoou contra a parede de metal da garagem. Ela virou-se e fez seu caminho para seu escritório, descompactando seus macacões e saindo deles rapidamente, revelando os shorts jeans e blusa que usava por baixo.

Ignorou as mãos trêmulas quando ela fechou a porta do escritório atrás dela e trancou-a. Entrou no banheiro e ensaboou a graxa das mãos e do rosto. Talvez quando ela saísse, ele teria ido embora, e podia fingir que não tinha visto Dane MacKenzie, grande como a vida e melhor do que nunca.

Saiu do banheiro e soltou um suspiro de alívio quando não o viu na garagem. Cavou sua bolsa e as chaves do carro para fora da gaveta de sua mesa, com as mãos firmes, com o coração mais pesado.

Que diabos estava Dane fazendo de volta a Surrender? A última vez que soube que ele tinha viajado ao lado de um batalhão de soldados no Oriente Médio e escrevendo uma coluna sobre suas experiências para o New York Times.

Ele não deveria estar em Surrender. Ela só estava de volta há seis meses. Isso tinha sido sua única opção, depois que seu pai havia morrido e deixado para lidar com os assuntos de seu rancho alastrando. E por mais que ela se ressentisse da ideia em primeiro lugar, movendo-se de volta tinha sido a melhor coisa para Jayden. Ele odiou deixar sua escola e seus amigos em Chicago, mas tinha se ajustado desde a mudança. Os animais e a influência masculina de todos os vaqueiros tinham ajudado a transição. Ela sabia que ia ser duro com ele quando vendesse o local, mas não poderia cuidar de tudo sozinha. E o dinheiro que ela recebeu do rancho, percorreu um longo caminho para pagar a mensalidade da faculdade, e nos próximos nove anos.

Até agora, ela tinha planos de ficar permanentemente em sinal de rendição. Sua loja estava bem e estava cercada por pessoas que a conheciam melhor. Mas assim que ela tinha

visto o rosto de Dane, seu primeiro instinto foi correr. Acelerar de volta para a fazenda, jogue suas roupas e Jayden no porta-malas e sair da cidade.

Dane MacKenzie andando de volta em sua vida não era bom. Deus, como ela ia dizer a Jayden? A resposta foi fácil. Não iria dizer a ele. Não havia nenhuma maneira que iria apresentá-lo com o pai que ele nunca tinha conhecido, apenas para vê-lo ir embora novamente quando a próxima grande história viesse ou quando seus pés coçassem para seguir em frente.

"Droga, Charlotte, você poderia ter me matado."

Charlie suspirou quando a porta do lado de fora do escritório se abriu. Foi a porta que os clientes utilizavam para verificar seus carros. *Droga!* Ela tinha esquecido de trancá-la em sua pressa para sair.

“Charlie! Meu nome é Charlie. Você sabe que eu odeio ser chamada Charlotte." O fato era, ela gostava de ser chamada Charlotte, mas apenas por Dane. Quando ele disse isso, a fez se sentir bonita, especial. Ela ainda se lembrava do som de sua voz quando enterrou-se dentro dela, chamando-a de seus lábios.

"Você costumava amá-lo." Disse ele, e pela rouquidão de sua voz, sabia que estava revivendo as mesmas memórias que ela estava.

Sua voz a cercou, como se fosse tocá-la fisicamente, e ela conteve um gemido. O pequeno vislumbre que tinha conseguido dele tinha enviado a libido adormecida na ultrapassagem. Ele era mais do que tinha sido aos vinte e dois anos. Seu corpo esguio com músculos, e sua pele escurecida pelo sol. Seu cabelo dourado pendurado desgrenhado sobre as orelhas e a gola, e seus olhos, Deus, seus olhos eram os mesmos pálido azul cristalino, mas eram mais duros, preparado para coisas que ela provavelmente poderia nunca imaginar.

Ela nunca tinha ficado em cima dele. Ele tinha destruído todo o sonho jovem de amor que ela já teve. E deixou-a com um filho para criar sozinha. Com certeza, ele não tinha conhecimento de Jayden. Dane era um homem honrado, e estaria lá para ele, se ela lhe dissesse. Mas seria amaldiçoada se usasse uma criança para manter um homem. Além disso,

teria que encontrá-lo para dar-lhe a informação, e no momento que ela estava muito atordoada e com o coração partido para se importar.

Com os irmãos de Dane que viviam na comunidade, ela não teve escolha a não ser deixar Surrender e sair por conta própria. Jayden era a cara de Dane, e não havia nenhuma maneira que ela pudesse ter mantido o segredo dos irmãos MacKenzie. Mesmo agora, ela saiu de seu caminho, para se certificar de que eles nunca se cruzaram uns com os outros na cidade. Eles só tinham conseguido vislumbres dele na melhor das hipóteses.

"Que pena que eu perdi." Disse ela, com um sorriso ameaçador.

Ela não se preocupou em fazer contato visual, quando fez seu caminho ao redor da mesa e para a saída. A ultrapassagem de calor de seu corpo lhe disse tudo o que ela precisava saber. Eles ainda tinham a química em espadas. Só que desta vez não era uma menina ingênua, que esperava seu príncipe vir. Ela mudou-se para andar em torno dele e sentiu o calor atraí-la mais perto, mas cerrou os dentes e abriu a porta.

"Se você vai ficar aqui, certifique-se de fechar a porta atrás de você." Disse ela. Ela sentiu o calor de sua mão ao redor de seu braço e congelou. “Tire as mãos de mim.”

Ele baixou a mão, mas mudou seu corpo para que bloqueasse seu caminho. "Você realmente vai deixar?"

"Claro, por que não o surpreende? A última vez que verifiquei que era um especialista nisso. Além disso, tenho planos."

"Temos algumas coisas para falar. Eu passei os últimos dez anos pensando em você, querendo saber onde estava e o que estava fazendo com sua vida. Eu gostaria de recuperar o atraso."

Ela caiu na gargalhada antes que pudesse se controlar, e viu os olhos apertarem de raiva. "Salve, Dane. Você não tem que tentar colocar um *band-aid* no meu ego ferido com explicações meia-boca. Você pode pelo menos ser honesto. Além disso, o passado é o passado. Nós dois temos nossas vidas agora."

"É por isso que jogou essa chave de mim? Porque você deixou o passado no passado?"

"Foi uma reação instintiva." Ela rosnou. "Eu prefiro vê-lo assar na brasa do inferno, mas vou ter que me contentar com nunca vê-lo novamente. Agora, se você me der licença, eu preciso ir para casa."

Ela esperava que ele acreditasse na mentira. Não tinha ninguém em ir para casa esta noite. Jayden foi passar a noite na casa de um amigo, e os vaqueiros eram dificilmente companhia. A maioria deles tinha suas próprias mulheres, em ir para casa. O resto deles passaram suas noites no *Duffey Bar e Grill*, bebendo, dançando e pegando mulheres.

Ele passou o dedo pelo braço dela, deslizando-o através de seu pescoço, até que descansou sobre seu pulso acelerado. "Meu irmão me disse que você deixou a cidade e não tinha voltado."

Ela tentou manter a surpresa de sua expressão. Ele tinha verificado em cima dela? E então pavor encheu a alma. Quanto de verificação que ele tinha feito? Será que ele sabe sobre Jayden? Talvez seja por isso que tinha aparecido depois de todos esses anos.

"Eu só estive de volta à cidade cerca de seis meses. Meu pai faleceu e me deixou a fazenda."

"Eu sinto muito pelo seu pai. Ele era um bom homem." Ele ajustou sua posição novamente, para que ela estivesse bem bloqueada contra a parede. "Você sabe, eu não conseguia entender o impulso repentino que tinha de voltar para casa? Tudo o que eu sabia era que precisava estar aqui. E agora que estou aqui, tudo isso se sente bem. Mesmo que eu não estava esperando vê-la em Surrender, esperava todo o caminho de casa que você estivesse aqui me esperando."

"Eu estava meio esperando por você para voltar, 10 minutos depois que saiu." Ela mentiu. “Deixe-me ir.”

"Não há palavras suficientes para eu lhe dizer, o quanto lamento que tive que sair. Eu era jovem e estúpido. Muita coisa estava acontecendo comigo naquela época. Amar você... a morte da minha mãe..." Ele fez uma pausa e engoliu em seco ao lembrar que, obviamente, ainda lhe afetava. "E eu estava correndo tão rápido e tanto quanto eu podia para escapar de algo que não conhecia, até mais tarde ser medo."

Ela suspirou e fechou os olhos. Não era justo que ele pudesse fazê-la sentir simpatia para o menino que era. Que ainda poderia fazer com que ela desejasse.

"O que você quer, Dane?" Ela perguntou, com cautela.

"O que eu sempre quis. Você."

Ele se aproximou, assim que suas respirações se misturavam e o toque de sua mão contra o pescoço dela levantou arrepios sobre sua carne aquecida. Ele baixou a cabeça baixa, como se fosse beijá-la, e ela colocou a mão no peito dele para segurá-lo.

"Você me teve, Dane. Eu não sou mais sua."

“Você é casada?” O olhar de pânico que atingiu em seus olhos quase a fez mentir. Isto lhe teria servido bem, se ela houvesse se casado. Mas, durante os 10 anos que ele foi embora ela só teve encontro algumas vezes. E não tinha deixado nenhum desses homens tocá-la intimamente. Só não se sentia bem. Não tinha sido Dane.

"Não. Eu não sou casada." Ela admitiu.

"Bom, porque eu odaria ter que matá-lo." Ele esmagou sua boca contra a dela com uma paixão que ela nunca pensou que iria sentir novamente. Sua boca estava quente sobre a dela, sua língua selvagem quando ele separou os lábios e mergulhou dentro.

Ela colocou as mãos contra os ombros, pensando em afastá-lo, mas acabou o seu caminho em torno de seu pescoço e seus dedos enterrados na espessura de seu cabelo. Ele rosnou contra seus lábios e puxou seus quadris perto dele, então seu monte pressionou contra a dureza por trás de seu zíper. Umidade combinada entre as coxas e gemidos guturais de prazer escaparam de seus lábios.

Ele engatou-a para que suas pernas fossem em volta de sua cintura e a levou para a superfície plana da mesa. Empurrou os papéis de lado e seguiu-a para baixo. Suas mãos estavam por toda parte, acariciando, despertando, até que ela não tinha certeza se poderia conter todo o prazer dentro por algum tempo. Dane MacKenzie era o único homem que já tinha estado. O pensamento das mãos de outro homem em seu corpo trouxe repulsa. Mesmo quando seu corpo exigiu lançamento no meio da noite, ela tentou fingir que não era Dane assombrando seus sonhos e montando seu corpo como ele tinha feito tantas vezes antes.

Seu peso era pesado e familiar contra ela. Culpa e arrependimento a inundou, e ela enrijeceu em seus braços. Não sabia se poderia fazer isso e mantê-la dura excitada contra ele. Pelo amor de Jayden, ela tinha que fazer. Iria tomar seu próprio prazer, porque precisava malditamente muito e então se afastaria, e iria sobre sua própria vida. Ela era adulta. Poderia fazer isso.

Ele beijou seu caminho até o pescoço, beliscando a pele sensível, até que ela relaxou contra ele. Puxou sua blusa para cima, para que ele descansasse um pouco acima dos montes verdejantes de seus seios. Ele soltou o fecho na frente de seu sutiã com uma mão, e Charlie viu como seus olhos escureceram com prazer. Ele segurou as mãos levemente sobre a cabeça dela, devorando a visão exibida diante dele.

"Cristo, você é linda." Ele se inclinou lentamente e tomou um mamilo rígido na boca, beliscando suavemente antes de lavá-lo com a palma da sua língua para acalmar. "Eu não tenho sido capaz de obter o seu gosto da minha memória. Tao doce. Como o creme e algo mais sombrio. Algo proibido."

"Dane." Ela gemeu. “Por favor.”

Ele tirou sua camisa e sutiã e jogou-os no chão, e ela lutou contra seu alcance, tentando se libertar de seu agarre.

"Eu quero tocar em você." Ela implorou. "Deixe-me tocar em você."

Charlie passou as mãos sobre o peito, ronronando em pura apreciação fêmea. Era difícil não comparar o jovem com quem tinha estado ao que ele era agora. Ela deslizou as mãos por baixo da camisa e passou as unhas em seu peito, fazendo-o tremer sob seu toque. Ela se deleitava com o poder que realizou e moveu as mãos longe dele, e de volta para o seu próprio corpo. Ela viu seus olhos escurecem quando segurou os seios e se ofereceu para ele.

"Cristo, Charlotte. Você está me deixando louco."

"Bom." Ela ronronou. “Depressa.”

Ele assumiu o controle da situação antes que ela o fez perder todo o seu sentido e puxou a camisa sobre a cabeça. Suas mãos foram para o fecho de sua calça jeans. Estava

completamente escuro lá fora e agora o brilho dos faróis descendo a estrada principal iluminavam sobre os planos e ângulos do corpo de Dane.

"Oh. Meu. Deus, mova-se. Alguém pode nos ver aqui."

Mortificação liberou pelo corpo de Charlie, sufocando a excitação. Ela ainda teve que viver nesta cidade, mesmo que Dane não quis, e fofocas de cidade pequena nunca iriam deixá-la viver para baixo de algo tão humilhante quanto literalmente ser pega com as calças para baixo em seu local de trabalho.

“Relaxe. Ninguém pode nos ver. O ângulo está errado."

"A garagem está aberta, Dane. Qualquer um podia andar dentro."

"Nós apenas temos de nos apressar. Esta primeira vez." Ele soltou o cinto e desabotoou sua calça jeans, seu olhar desafiador, desafiando-a a chamar um fim a tudo, só porque estava com medo de ser pega. O arrepio de excitação percorreu suas veias, e ela sabia que era tarde demais para voltar atrás. Ela o queria muito ruim, e nada iria impedi-la de tê-lo. Especialmente não a ela mesma.

Charlie arrastou as mãos para baixo do cabelo áspero no peito e onde suas mãos trabalharam em seu zíper. Ela assumiu a tarefa, empurrando seu jeans passado seus quadris, até que sua ereção latejante estava orgulhosamente diante dela.

"Você não tem ideia do que o olhar faminto em seus olhos faz com o meu autocontrole."

"Se bem me lembro, você nunca foi muito grande em autocontrole de qualquer maneira."

Ela colocou os dedos em torno de seu comprimento e embalou seu saco nas mãos, bombeando seu punho lentamente, até que sua cabeça caiu para trás em sinal de rendição. Umidade em gota na ponta do seu pênis e lambeu os lábios em antecipação. A sensação dele, quente e pesado em suas mãos era tão familiar que doía. Esta parte do seu corpo definitivamente não tinha mudado.

"Eu quero te provar." Ela queria fazer tudo para ele, e ter tudo feito a ela em troca. Se tudo o que tinha era uma última chance de prazer indescritível, queria fazer tudo. Queria fazer as memórias que iriam mantê-la aquecida durante a noite.

"Não vou durar, se você colocar a boca em mim. Já faz muito tempo."

Ela tentou não pensar na última mulher que tinha prazer de seu corpo, ou saber exatamente quanto tempo tinha sido, mas foi difícil manter o ciúme de elevar sua cabeça feia. Ele deve tê-la sentido endurecer contra ele, porque pegou as mãos antes que ela pudesse se afastar. Conteve-lhe os pulsos com uma mão, enquanto rapidamente tirou o short e a calcinha, deixando-a nua diante dele.

"Mmm, isso é novo." Disse ele, olhando para a área completamente depilada entre as coxas. Ele liberou-lhe os pulsos com surpresa, mas ela não se moveu. "Gostei. Muito. Eu posso ver como você está molhada para mim." Ele tocou o dedo para as pétalas úmidas de suas dobras, e ela deixou cair à cabeça para trás em cima da mesa, balançando com a sua necessidade de ser preenchida. "Tão bonita."

Ele se ajoelhou na frente dela e apoiou as pernas sobre os ombros, ela se deslocou aberta diante dele. Tentou fechar as pernas, não utilizadas para a atenção íntima, mas não a deixava se esconder dele.

"Relaxe, bebê. Já passei por isso antes."

Sim, mas eu tive de dar à luz, desde então. Por mais que ela quisesse o corpo que já teve, nunca tinha sido possível novamente após Jayden nascer. Ela tinha muito mais curvas. Em toda parte.

Mas todos os pensamentos de seu corpo ficaram esquecidos quando sua boca a tocou. Ela arqueou para fora da mesa, e seus dedos se enredaram em seu cabelo, sem saber se a puxá-lo para mais perto ou afastá-lo.

"Meu Deus! Dane. Eu não posso... É demais."

"Nunca." Seu dedo deslizou dentro dela, em seguida, ingressou com um segundo, e sua boca se fechou sobre o nó escondido entre suas dobras. Ele curvou seus dedos e pressionou contra suas paredes internas, quando sua língua sacudiu o clitóris rapidamente.

Calor reuniu em sua barriga e arrepios formaram através de seu couro cabeludo, dedos e pés – todas as corridas para dentro, enquanto seu corpo se curvou e seus gritos ecoavam nas paredes. Cores dançaram por trás de suas pálpebras fechadas conforme o orgasmo rasgou-a e deixou-a mole contra a madeira fresca da mesa, com o corpo levemente úmido de suor e seus sucos escorrendo livremente para baixo em suas coxas.

"Você tem o gosto exatamente como eu me lembrava."

Dane se movia lentamente sobre seu corpo, até que os pêlos grossos de seu peito roçaram os mamilos sensíveis. Ela gemeu quando sentiu a ampla ponta do seu pênis cutucar em suas dobras, e enrolou as pernas em torno de sua cintura com antecipação. Beijou-a profundamente no mesmo momento que mergulhou dentro dela, e ambos gemiam em conjunto, na borda de um precipício que não poderia descrever.

“Jesus. Você é tão apertada."

Sua respiração ficou presa em sua invasão, utilizada como era a tal intimidade, e ela estava grata que ele lhe deu um momento para ajustar ao seu tamanho. Mas então ele começou a se mover contra ela, e só sentiu prazer. Suas unhas passaram pelas costas e ela arqueou seus quadris para cima tentando tirar mais dele. Não poderia nunca ser o bastante.

"Mais, mais." Implorou. “Mais forte." Palavras sem sentido escaparam de seus lábios enquanto ele concedeu-lhe todos os seus desejos.

Ele girou toda a sua extensão dentro e fora de seu corpo, até que ela se sentiu como uma terminação nervosa maciça. O suor cobria seus corpos, seus gritos e gemidos eram primordiais – como animais que tinham encontrado seus companheiros.

Seus lábios devoravam os dela e engoliu o choro quando se apertou ao redor dele, seu corpo destroçado com tremores, pulsando em êxtase.

"Charlotte." Disse ele, empurrando uma última vez antes de enrijecer contra ela. Ela sentiu sua semente, pois atingiu seus muros e outro orgasmo menor rasgou através dela.

Dane caiu em cima dela e enterrou o rosto em seu pescoço, mas ela estava exausta demais para se importar. Tinha que encontrar a energia para se levantar. Se não saísse logo,

não havia nenhuma maneira que pudesse impedi-lo de ver as lágrimas que queriam escapar. Não ia ser tão fácil de ir embora como ela queria.

CAPÍTULO TRÊS

Dane não tinha certeza se ainda estava vivo. Certamente o frágil corpo humano não foi feito para sentir prazer assim. Apenas o pensamento da experiência que ele tinha acabado de ter menos de cinco minutos, antes teve seu pênis amolecido indo duro novamente.

Agora que ele estava de volta dentro de Charlotte, nunca quis estar em outro lugar. Ele finalmente entendeu por que percorreu meio mundo e voltou para casa. De alguma forma, sua alma sabia que ela estaria aqui esperando por ele. E estava indo para reclamá-la. Para o bem. Não havia mais desculpas. E não mais corridas. Era hora de corrigir os erros do passado e pedir-lhe perdão, mas teve que ir sobre isso.

Dane sentiu as mãos empurrando contra seu peito, e balançou algum senso de volta em seu cérebro. Ela transou com ele malditamente perto do inconsciente e aqui ele se deitou em cima dela como um idiota. Apoiou-se em seus braços para que apoiasse o seu peso e olhou para baixo onde seus corpos se uniram. Ele foi duro para o ponto de ruptura. Não havia se recuperado tão rápido, desde... bem, desde Charlotte.

Mudou-se para fora, empurrou de volta lentamente e viu quando seus olhos dilataram de prazer. Ela apertou ao redor dele como um torno, e pequenos espasmos ainda estavam empurrando em seu pênis de seu último orgasmo.

"Ahh." Ela gemeu quando os pequenos espasmos transformaram em tremores de mais prazer. "Como é que você sempre faz isso comigo?"

"Da mesma maneira que você faz para mim, bebê. Apenas o pensamento de estar dentro de você, me tem com tanta força que eu poderia estourar. Não importa se eu tive você."

Dane tirou de seu corpo e ela gemeu em protesto. Mas estava ronronando novamente em nenhum momento, virou-a para o seu estômago de modo que ela estava do outro lado da mesa. Ele não lhe deu a chance de respirar, mas caiu de volta nela, até que suas bolas bateram contra sua bunda.

"Porra, você se sente bem." Ele agarrou seus quadris e começou a empurrar em rajadas curtas. O único pensamento predominante em sua mente era que ele tinha que reivindicá-la. Tinha que possuí-la. Ele se inclinou sobre ela e entrelaçou seus dedos com os dela, de modo que ambos seguravam para a borda da mesa pela vida.

"Oh, meu Deus... oh, Deus." Ela arquejou. “Eu não posso...”

"Sim. Você pode." Dane exigiu. "Aperte-me forte com sua boceta, bebê. Sinta cada centímetro dentro de você."

Ela estremeceu sob suas palavras escandalosas e sua boca se abriu em um grito silencioso. Ele mordeu suavemente no sulco entre o pescoço e o ombro, e isso era tudo o que tinha para mandá-la ao longo da borda. Seus gritos silenciosos se tornaram mais altos e se misturaram com os grunhidos de satisfação. Seu saco bateu contra a bunda dela uma última vez, e ele endureceu contra ela, atirando sua carga profunda dentro de seu ventre.

Caiu sobre ela, sua respiração instável e seus corações correndo selvagens. De alguma forma ele encontrou forças para mover-se e levantou-se para que ele não a esmagasse.

"Mmm, tanto quanto eu gostaria de continuar isso." Ela ronronou satisfeita: "Eu realmente preciso fechar a garagem, antes que alguém venha ver porque todas as luzes estão acesas."

Ela empurrou para cima e de cima da mesa pelo que ele não teve escolha a não ser sair dela e voltar. Apenas a visão desse traseiro exuberante tinha seu pau passando agitado a vida mais uma vez. Ele tinha um monte de tempo perdido para compensar. Mas inferno, ela estava certa. Ele estava tão excitado, que não estava pensando direito. Não tinha estado longe de uma atmosfera de cidade pequena, desde que tinha esquecido o que era a fofoca.

Ele engatou seu jeans para cima, enquanto ela deslizou em sua calcinha e shorts, ele gemeu e sentiu seu pênis inchar ainda mais, quando se inclinou sobre a mesa para pegar sua camisa e sutiã. Ela preencheu malditamente bem ao longo dos últimos dez anos. Ainda era pequena, mas tinha curvas em todos os lugares certos. Não podia esperar para descobri-los todos em um ritmo mais lento.

Ele agarrou sua bolsa do chão da garagem e viu como puxou para baixo as portas e desligou todas as luzes. Ele saiu do escritório à frente dela, enquanto trancou a porta e respirou na noite. A cidade já estava escura, as luzes do lado de fora da loja de Charlotte o único sinal de vida. Ele olhou para a rua para ver se alguma coisa estava acontecendo. Não tinha ido suficientemente longe para obter uma vida noturna. Ele balançou a cabeça em descrença. Era quase oito horas.

O som de uma porta de carro abrindo o tinha olhando ao redor. Charlotte jogou a bolsa no banco do passageiro e ficou atrás do volante de um Corvette clássico, que o fez assobiar com puro prazer. Ele abriu a boca para perguntar se ela tinha reconstruido-o quando percebeu que estava indo embora.

O motor ronronou à vida e ele mal chegou ao seu lado, antes que ela batesse a porta na cara dele.

"Posso pegar uma carona para o seu lugar? Meu carro alugado quebrou cerca de uma milha de volta."

“Não acho que isso seja uma boa ideia. Tenho coisas para fazer, e realmente acho que é melhor se nós termos hoje até insanidade e seguir nossos caminhos separados. Foi divertido visitar a pista da memória, mas isso é tudo que pode ser. Diga oi aos seus irmãos por mim."

Dane congelou em choque quando a porta do carro se fechou e Charlotte fugiu pela rua escura. Ela afastou-se sem olhar para trás, depois de uma das experiências mais incríveis de sua vida. Foi assim que ele a deixou tantos anos atrás? Com o mesmo sentimento de vazio que estava experimentando agora? Pensou que ele explicou-se o melhor que pôde. Disse-lhe por que teve que sair.

Surrender tinha se tornado demasiado sufocante após a morte de sua mãe. Laurie MacKenzie tinha estado perto de todos os quatro de seus filhos, mas ela e Dane tinham sido mais próximos. Ela era a única que sabia sobre seus sonhos de ser um jornalista. O dinheiro era apertado, depois que seu pai morreu no ano em que completou treze anos, e sua mãe tinha vendido todo o gado e os cavalos que outrora fizeram uma das famílias mais ricas do estado de Montana, apenas para fazer face às despesas. Uma mulher e quatro meninos com

menos de quinze anos de idade, não poderia manter um rancho dessa magnitude indo. Então ela limpava casas e levava costura. Usou sua cozinha para atender casamentos e festas. E eles sobreviveram.

Ele estava no meio de seu último ano de faculdade, quando ela foi diagnosticada com câncer. Manteve sua dor em silêncio por muito tempo, o médico havia dito. Uma semana depois de sua formatura, ela estava morta. E ele estava em pontas soltas. Querendo saber o que Surrender do inferno jamais poderia lhe oferecer. Tudo o que ele tinha era Charlotte, e um diploma de jornalismo, em uma cidade de dois pedaços que não poderia fornecer para ela ou as crianças que iam um dia fazer juntos. Ela merecia mais. E ele só precisava respirar. Pensou que ela tinha entendido.

Talvez ela entendesse muito bem. Talvez tenha sido só ele que tinha passado os últimos dez anos lançando e girando com os sonhos cheios de luxúria e desejando que ela estivesse ao lado dele. Depois que seus irmãos lhe disseram que ela tinha deixado a cidade, ele quase usou sua miríade de contatos para procurá-la. Mas qual teria sido o motivo? Ele ainda tinha vindo a construir a sua carreira. Encontrá-la apenas teria deixado um gosto amargo na boca de algo que ele não podia ter. Pelo menos não naquele momento.

E agora ela não pareceu querê-lo. À exceção de uma transa rápida, o que era.

Dane abriu a bolsa e cavou ao redor para seu telefone. Houve vida na bateria apenas o suficiente para fazer uma chamada.

"Xerife MacKenzie." Uma voz familiar respondeu na outra extremidade da linha.

"O que está acontecendo, xerife? Você está no meio do rebentar de uma festa selvagem, ou estão os pés apoiados sobre a mesa e um bom livro em suas mãos?"

"Ha, as únicas festas que eu vejo nesta cidade é quando o gado de alguém quebra através da cerca e começa a comer a cidade. Onde no Inferno está você? Posso realmente ouvir o que está dizendo, sem a sua recepção ser uma merda."

"Eu estou de pé na mesma rua em frente a *Charlie's Automotive*. Fiquei me perguntando se eu poderia pegar uma carona."

Silêncio cumprimentou-o no outro lado da linha, quando Cooper pesava o que dizer. Ele, obviamente, sabia que Charlotte estava de volta na cidade, e ele também sabia que ele ou seus outros irmãos não tinham mencionado o fato.

"Eu estou no meu caminho." Cooper disse finalmente. "É bom ter você de volta, Dane."

Charlie segurou as lágrimas até que o corpo de Dane era apenas uma sombra em seu espelho retrovisor. Deus, ela era tão estúpida. Não podia passar por isso novamente. Seu coração não podia suportar mais a dor. Levara 10 anos para construir a sua vida de volta depois que ele saiu.

Ela tinha um filho para criar, e que mantinha a mente ocupada o suficiente para passar o primeiro choque após Dane ter deixado. Mas, em seguida, Jayden havia nascido, e ela tinha estado naquele quarto de hospital sozinha. Segurou seu filho nos braços e olhou dentro dos olhos cristalinos familiares, enquanto as lágrimas corriam pelo seu rosto. Ela soluçou longe o último de sua inocência no hospital de Chicago.

E agora ele estava de volta, pelo menos por um tempo, e ia ter que começar o processo de luto mais uma vez.

Passou por cima do muro branco, que alinhou sua propriedade e dirigiu até o portão que dava para a casa principal. Luzes ainda estavam acesas na casa do capataz, mas a sua

própria estava escura para o brilho suave da luz da varanda. Ela odiava voltar para uma casa vazia. As coisas eram muito tranquilas, sem Jayden. E ficar sozinha deu-lhe muito tempo para pensar.

Charlie secou as lágrimas de seus olhos quando se deixou em casa, e jurou que seria a última vez que chorava por Dane MacKenzie. Esta era sua casa, pelo menos até que encontrasse um comprador. Ela também tinha um filho para criar e um negócio a funcionar. Não teve tempo para distrações ou outro coração partido.

Não foi até que estava no chuveiro, ensaboando longe a prova da paixão de Dane, que percebeu que ele poderia muito bem deixá-la na mesma posição que tinha da última vez. Sozinha e grávida.

CAPÍTULO QUATRO

"Então acho que você já viu Charlie." Cooper disse quando Dane deslizou para o banco da frente do carro da polícia.

Coop deu-lhe uma lenta leitura da cabeça aos pés, levando-se em seus cabelos despenteados e expressão satisfeita, e Dane sentiu o calor em seu rosto. Coop levantou uma sobrancelha sardônica e esperou que ele respondesse.

"Em maneira de falar." Disse ele, por falta de coisa melhor. "Por que vocês não me disseram que ela tinha se mudado para a cidade, ou estava indo para mantê-lo para si mesmos?"

Cooper era o seu irmão mais velho, por apenas 14 meses, mas suas aparências eram em nada semelhantes. O cabelo de Coop era negro como a noite e seus olhos eram mais cinzas do que azul. Um bom bocado de barba cobrindo o rosto e as pernas compridas foram pequenos hotéis de boutique na cruiser. Sempre tinha irritado Dane que seu irmão mais velho era uns bons dois centímetros mais alto do que seus próprios um metro e oitenta e tres.

"Teria feito alguma diferença?" Perguntou Coop. "Ela estava aqui há dez anos e você ainda a deixou. Pensei que fosse sobre ela."

"É complicado." Dane murmurou.

"Eu liguei para Thomas e Riley no meu caminho aqui. O que acha de tomar uma cerveja e recebê-lo de volta corretamente?"

"Se você pode encontrar um lugar que está aberto, eu sou tudo para isso."

Coop riu. "Você vai ter que se acostumar com a vida lenta de novo, menino da cidade. *Duffey* fica aberto até as onze agora. Pensei que a prefeitura iria entrar em parada cardíaca, quando ele pediu para servir álcool até tarde."

Eles dirigiram a curta distância até o final da rua, onde o *Duffey Bar e Grill* estava, isolado do resto dos edifícios ligados em uma cabana de agachamento. As luzes eram brilhantes e os graves do aparelho de som bateram através das paredes. Um grito chamou a

atenção de Dane, e ele se virou a tempo de evitar um completo golpe de seu irmão mais novo.

“Filho da puta... A que devo o prazer?" Thomas perguntou, jogando o braço em volta de seu pescoço e apertando em um bom abraço humorado. Thomas era dois anos mais novo do que Dane e compartilhava a aparência com Cooper. A única diferença era que seus olhos eram castanho-escuro em vez de cinza. Thomas tinha passado a última década na escola de medicina e tinha assumido o cargo de médico da cidade de Surrender, após o último tinha se aposentado.

"Eu estava no bairro e achei que você gostaria de ver o meu rosto bonito." Disse Dane. "Tem que ser deprimente para os três de vocês, mulheres feias para sentar e olhar um para o outro o dia todo."

Ele desviou o cotovelo nas costelas de Cooper e torceu do estrangulamento de Thomas. Riley ficou fora à distância, com um sorriso estampado em seu rosto e suas mãos nos bolsos de um par de calças cáqui gastas. Seu cabelo loiro escuro foi cortado e uma barba fraca sombreava seu rosto. Seus olhos eram de um tom mais escuro que Dane.

Riley era um médico também, apenas o tipo, em vez de médico PhD. Ele era o reitor de arqueologia em uma faculdade privada de pequeno porte, não muito longe de Surrender, e quando não estava ensinando ele estava trabalhando em novas escavações. "Bem vindo ao lar, Dane." Disse Riley. "A cerveja está em você."

Eles empurraram um para o outro através das portas de *Duffey* e todos os presentes pararam, de queixo caído ao ver os quatro irmãos MacKenzie juntos novamente. A última vez que eles vieram através das portas juntos uma briga irrompeu. Isso foi antes de Cooper tornar-se Xerife, é claro, e antes que os outros MacKenzies tornaram-se também cidadãos honrados, mas as memórias das pessoas tendiam a ser longas em Surrender.

"Vocês, rapazes, vão para a sala dos fundos. Vou ter alguém lhes trazendo um jarro e os copos." Duffey gritou por trás da torneira. "Eu não quero nenhum problema aqui esta noite."

Cooper revirou os olhos. "Você acha que a briga tinha sido nossa culpa pelo modo que Duffey continua. Foi o próprio genro do homem baixo de vida que começou a briga em primeiro lugar."

"Sim, mas nós terminamos." Disse Thomas. "E eu estou feliz por isso. Ninguém deve bater em uma mulher assim e fugir com isto."

Eles se estabeleceram na sala de jogo, e Dane apoiou os pés em uma cadeira e esperou a sua vez de dardear. Thomas e Riley já estavam começando um jogo.

"Então, ouvi que você estava fora no lugar de Charlie." Disse Thomas, balançando as sobrancelhas. "Você tem certeza que parece descontraído, irmão."

Dane atirou Coop um olhar de desaprovação. "Foi o primeiro lugar que veio quando entrei para a cidade. Você pode imaginar a minha surpresa ao vê-la ali, considerando que vocês não se preocuparam em me dizer que ela estava de volta na cidade. Eu viria para casa mais cedo, se soubesse que ela estava aqui."

"Será que você teria mesmo?" Perguntou Riley.

Dane observou Thomas e Cooper trocarem um longo olhar, e um arrepio de consciência começou a formigar-lhe na espinha. Era o mesmo arrepio que o impediu de descer um certo caminho na selva ou se aproximar de um carro vazio no Afeganistão. O formigamento o tinha impedido de ser morto. Mas ele tinha uma sensação de que o machado estava prestes a cair sobre a sua cabeça.

"Por que você pergunta isso? Vocês sabem por que eu saí. Eu só precisava ficar longe por um tempo depois que a mãe morreu. Precisava de uma carreira. Algo que faria Charlotte orgulhosa de mim. Inferno, algo que poderia fazer-me orgulhoso de mim. Deixar foi à única maneira que eu sabia como fazer isso. Tive que deixá-la para fazer algo de mim mesmo."

"Mas você explicou isso para ela?" Riley pressionou. "Ela ainda era uma criança, Dane. E inferno, mesmo nós sabíamos que ela era louca por você. Você não estava aqui para ver como ela estava depois que saiu. Você quebrou o coração dela a tal ponto que teve que deixar a cidade, apenas para fugir das lembranças. Não tenho certeza que você está fazendo o melhor julgamento de brincar com ela novamente. Acho que você deve deixá-la sozinha."

Dane sentiu raiva fervendo dentro dele. Ele deixou reinar livre como uma criança, sempre à procura de uma briga, mas aprendeu a mantê-la contida o mais velho que ele ficou. Exceto que não havia nada que desejasse mais do que dar uma tacada em Riley e sangrar seu lábio. E pelo sorriso torto no rosto de Riley e o brilho nos olhos, ele ficaria feliz em levar o soco e jogar um pouco de sua autoria.

"É isso o que todos pensam de mim?" Perguntou Dane. "Que eu só saí porque sou um filho da puta e queria ser livre para fazer o que diabos quisesse?"

Ele se levantou abruptamente, a sua cadeira batendo na parede em sua pressa. Seus irmãos olharam para ele com cautela.

"Nós não te culpamos por ter deixado, Dane." Coop disse suavemente. "Sabemos que a morte da mãe bateu-lhe mais difícil. E nós sabemos que ela iria querer que você fizesse algo importante com o seu grau. Mas dez anos é muito tempo. As pessoas mudam. Todo mundo está mudado."

"Quanto tempo você pretende ficar desta vez?" Thomas perguntou, sua própria raiva colorindo sua pergunta.

Dane empurrou seus dedos por seu cabelo em frustração. “Eu não sei. Estou entre os projetos. Tenho algum tempo para decidir antes de eu fazer a minha mente."

"Em seguida, deixá-la sozinha." Disse Thomas. "Ela acabou de se mudar de volta para a cidade e tem a sua própria vida agora. Ela tem o rancho de seu pai para lidar com o seu próprio negócio e para ser executado." Parecia que ele queria dizer mais, mas apertou os lábios fechados no último minuto.

"Eu não posso deixá-la sozinha." Explicou Dane. "Não posso fazê-lo fisicamente. Eu penso nela há dez anos. Eu a amava há dez anos. E ela esta aqui agora... quando pensei que nunca iria vê-la novamente. Eu simplesmente não posso ignorá-la. Ela é a única mulher que eu já quis."

"Então é melhor você estar preparado para rastejar, porque ela não se parece como alguém que poderia perdoar e esquecer tão facilmente." Disse Cooper. "Você quebrou o

coração dela. Vai ter que consertar isso. E há algumas coisas que você vai ter que aceitar a seu respeito. Como eu disse, dez anos é muito tempo."

Dane estava prestes a perguntar a Coop o que diabos ele estava falando, quando a porta da sala de jogos abriu e Jana Metcalfe veio através, equilibrando um jarro de cerveja, copos em uma bandeja em uma mão e um par de cestas de batatas fritas na outra. Ela estava mais gorda do que costumava ser, e seu cabelo era loiro, mas seu sorriso era genuíno e Dane e Riley foram ajudá-la com sua carga.

"Dá-me um abraço, Dane MacKenzie." Disse ela, rindo.

Ele a puxou para um abraço e deu um tapinha em seu ombro. Ela sempre foi como uma irmã mais nova. Os irmãos MacKenzie tinham ligado de volta com o irmão mais velho de Jana, e mais frequentemente do que não, ela ia na trilha atrás deles.

"Como vai você, Jana? Você está bem." Dane disse, o que significa isso. Ela parecia... feliz.

Ela revirou os olhos e passou as suas bebidas. "É bom de você mentir. Estou mais ocupada do que nunca."

"Jana está casada com Mike Marshall agora e eles têm um menino que é uma pistola." Disse Riley, lembrando-o com um sorriso o quanto ele tinha perdido nos últimos anos.

"Mike está fazendo dever de garoto esta noite, enquanto eu estou trabalhando." Disse Jana, alheia às correntes de raiva na sala. "Nós estamos tendo uma festa do pijama, mas por tudo que sei, vou para casa encontrar Mike amarrado à sua cadeira. Meninos de nove anos são uma ameaça para a sociedade."

"Isso não é verdade." Disse Thomas, dando-lhe uma piscadela e tomando um gole de sua cerveja. "Como está Ben? Ele está pronto para começar a escola?"

“Claro que não. Ele já me disse que está decidido a estudar em casa este ano." Ela revirou os olhos e apoiou o quadril contra a mesa. "Você pode imaginar isso? Eu disse que se ele ficasse em casa comigo, que o faria assistir a novelas e ajudar com a roupa, assim que ele mudou de ideia sobre isso muito rápido."

"Não se esqueça que é devido ter vacinas este ano." Thomas lembrou. "Certifique-se de obter um compromisso cedo. As coisas ficam ocupadas antes da escola começar. Na verdade, você pode lembrar os outros pais quando eles virem para obter os seus filhos amanhã. Que outros fugitivos você está abrigando?"

"Pare o tráfico para os negócios." Disse Coop, e virou-se para Dane. "Um monte de pessoas mais velhas na cidade se recusam a chamar Thomas de seu médico, porque eles se lembram de como ele era quando criança. O Sr. Scranton disse que não havia nenhuma maneira no inferno que ele ia cair as calças e deixar Thomas enfiar uma agulha nele, após a surra que ele deu-lhe por deixar suas vacas no pasto."

"Quem poderia culpá-lo?" Jana perguntou, rindo. "Vocês, rapazes eram uma ameaça. E o meu menino e sua gangue são como vocês, Deus ajude a todos. Você se lembra de Jenny Mosely, Dane? Ela tem um menino o nome Tucker, que pode falar a pintura da parede. Tremo só de pensar o que ele está fazendo na minha casa agora."

Ela riu de novo e disse: "E é claro que você se lembra de Charlie. Que vocês não namoraram por algum tempo antes de sair? De qualquer forma, ela tem Jayden que é o cérebro do grupo. Esse garoto tem mais ideias do que ele sabe o que fazer com elas. E cada um deles sempre termina com ele em um monte de problemas."

Seus irmãos começaram a tossir e falar sobre o outro, mas tudo o que podia ouvir era a pressa de sangue pulsando em sua cabeça. Ele se inclinou e apertou as mãos contra a mesa dura – então a dor pode lembrá-lo de que ele ainda estava vivo. Charlie tinha um filho. Uma criança de nove anos de idade. Ele fez as contas na cabeça, e suas pernas cederam sob ele. Sentou-se duro na cadeira que tinha abandonado antes.

"Querido, você está bem?" Perguntou Jana. “Está branco como uma folha.”

"Acho que ele está apenas cansado, Jana." Disse Coop. "Ele veio direto para cá do aeroporto, e eu tenho certeza que ele está desgastado. Talvez se você pudesse pegar nossa conta para nós? Nós provavelmente devemos levá-lo para casa."

"Com certeza, Coop. Volto já." Jana correu para fora da sala e seus irmãos variaram seus corpos em um semicírculo ao seu redor, olhares de preocupação variando suas expressões.

"Vocês sabiam?" Dane raspou fora.

"Nós sabíamos que ela tinha um filho." Riley disse suavemente.

Vermelho nublou sua visão e ordenou ao seu irmão, antes que pudesse se conter. Ele e Riley caíram em uma pilha sobre a mesa e a madeira estalou debaixo deles. Seus dedos picaram quando se encontraram com a mandíbula de seu irmão, e ele estremeceu quando Riley teve seus próprios deslizando contra as costelas.

"Droga, Dane. Controle-se." Coop gritou quando o agarrou pelos ombros para tentar contê-lo. Levaria mais de Cooper subjugar a sua ira. A raiva estava construindo em Dane por muito tempo. Thomas segurou-o do outro lado e, juntos, Coop e Thomas foram capazes de puxá-lo para longe de Riley.

Riley empurrou-se do chão e enfrentou Dane. "O que há de errado com você, hein? Por que deveria se importar se ela tem um filho? Será que você realmente a inveja por ter uma vida depois que você saiu?"

"Vocês deveriam ter me dito, porra." Dane disse, empurrando contra os laços dos braços de seus irmãos. "Ela tem um filho de nove anos de idade, seu idiota. Faça a maldita matemática."

Riley empalideceu diante de seus olhos, e Thomas e Cooper foram tão surpresos com a declaração que caíram seu domínio sobre ele. Ele caiu de volta para Riley, mas em vez de ir para baixo, Riley passou os braços ao redor dele em um abraço apertado.

"Merda, Dane. Nós não sabíamos. Nenhum de nós sabia, ou mesmo pensado. Eu nunca dei uma boa olhada na criança ou sabia quantos anos tinha. Nós teríamos dito. Eu juro."

Dane saiu do aperto de seu irmão e se afastou, mantendo a cabeça baixa, para que não pudessem ver as emoções que atravessam seu rosto. Ele não podia falar com seus irmãos agora. Tinha que encontrar Charlotte.

"Eu preciso de chaves." Ele disse, e estendeu a mão.

Coop avançou. "Eu não sei se isso é uma boa ideia agora, Dane. Por que não pensar sobre as coisas um pouco e se acalmar antes de ir falar com Charlie?"

Um par de chaves pousou em sua mão, e ele olhou para o rosto maltratado de Riley. “Não faça nada estupido. E não destrua o meu carro."

"Droga, Riley..." Disse Coop, mas Dane não esperou para ouvir o argumento. Ele já estava fora da porta.

Charlie devia a ele um inferno de uma explicação.

CAPÍTULO CINCO

Charlie estava deitada na cama, acordada, por mais de uma hora. Ainda podia sentir o toque de Dane, e seu corpo aquecia com a lembrança de seu beijo. Ela jogou os lençóis fora, o algodão muito pesado em sua pele sensível.

O ventilador zumbia lentamente em cima e os mamilos enrugaram contra a fina camisola que usava. Ela fechou os olhos e memórias de Dane invadiram sua mente, como se ele estivesse ali com ela. A primeira vez que tinham feito amor ele tinha sido tão gentil, tão amoroso. Tinha curtido cada centímetro de seu corpo, preparando-a para a invasão que levaria sua inocência. Ela apenas sentiu uma pontada quando ele enterrou-se profundamente em seu interior, foi muito perdida na sensação dele.

Seus dedos vagavam preguiçosamente até as coxas e a camisola foi agrupada em torno de sua cintura. Seus dedos arrastaram mais alto, mergulhando ao longo de sua barriga antes de chegar à curva de seus seios. Ela cobriu os globos pesados e engasgou com a sensação, e quando seus dedos roçaram através de seus mamilos cobertos de algodão, não pôde evitar o gemido que escapou.

Imaginou a boca de Dane sugando seus seios, provocando um caminho molhado abaixo, até chegar a junção de suas coxas. Ela estava úmida com a necessidade e não demorou muito para que os dedos se tornassem escorregadios com a sua essência. Ela girou o dedo ao redor do broto tenso, desejando que fosse a língua de Dane. Sua respiração ficou pesada e sentiu o peso familiar do lançamento se estabelecendo em seus lombos.

Gemidos escaparam de sua garganta e ela jogou a cabeça para trás, apenas na iminência da explosão. Uma porta de carro bateu apenas fora de sua janela, e ela puxou a camisola para baixo com culpa. A primeira coisa que passou pela sua mente era que Jayden e seus amigos tinham chegado em uma briga e ele pediu em voltar para casa. Vestiu um roupão e correu para a porta da frente, mas quando abriu, não foi Jayden que olhou para ela

com raiva e dor que irradiava de seu corpo. Era seu pai. Ela abriu a porta de tela e saiu em sua direção, antes de se lembrar que não iria se afeiçoar.

"Dane." Disse ela, sua voz pouco mais que um sussurro.

"Você estava indo para me dizer?"

Levou um minuto para perceber o que ele estava dizendo. *Jayden*. Ela sentiu o sangue em sua cabeça, e pequenos pontos dançaram na frente de seus olhos. A porta de tela escorregou de seus dedos, e ela deve ter parecido tão instável como se sentia, porque, de repente, Dane estava lá, com os braços segurando-a.

"Jesus, Charlotte. Você sabe que eu nunca iria machucá-la. Não tem que olhar para mim desse jeito." Ele a pegou e entrou na casa, sem esperar por um convite.

“Eu sei que você não iria, Dane. Você me pegou de surpresa."

Ele se sentou em uma das cadeiras estofadas que tinha junto à lareira. Ela tentou sair de seu colo, mas apertou suas mãos sobre ela e posicionou para que se aconchegasse em seu peito.

"Você não me respondeu." Disse ele. "Estava indo me dizer que eu tenho um filho?"

Ela ergueu o olhar para que pudesse olhá-lo nos olhos. Seus olhos ardiam, mas eles estavam secos. Ela chorou a última de suas lágrimas, e não ia ser nada, além de honesta com Dane, agora que a tinha presa lá.

“Não. Eu não ia dizer.”

Era difícil não vacilar na dor que surgiu em seus olhos. "Por quê? Você me acha um monstro, que não gostaria de ser uma parte da vida do meu próprio filho?"

"Por quanto tempo, Dane? Até a próxima história vir junto? Até você descobrir que está cansado da vida da cidade pequena? Até descobrir o que você quer em sua vida? Ele é uma criança. Não posso fazer isso com ele. Não vou fazer isso com ele. É cruel. E vou pedir para que você não diga nada a ele também."

Dane baixou a cabeça em seu ombro e ela sentiu sua respiração estremecer contra o pescoço dela. "Desculpe, eu deixei você, Charlotte. Sinto muito por ter deixado você lidar

com tudo em sua própria conta. Deveria ter tido os meus irmãos em contato comigo. Eu teria voltado para casa e lhe ajudado. Apoiado você."

"Eu não preciso do seu apoio. A única coisa que eu precisava de você, Dane MacKenzie, era algo que não poderia, ou não, para dar. Você teve que deixar Surrender. Eu entendo. Nem sempre eu entendi. Mas vê-lo novamente, vendo o que fez de si mesmo, eu entendo. Você teria sido preso aqui. E teria odiado isso. E, finalmente, teria me odiado por te segurado. Nós éramos muito jovens para pensar em tal permanência."

Ele balançou a cabeça. "Eu queria essa permanência com você. Eu simplesmente não estava pronto para isso tão cedo. Eu ainda quero. Nunca deixei de te amar, Charlotte. Você tem que acreditar nisso."

Charlie sorriu, mas não alcançou seus olhos. Ela escovou o cabelo que caía na testa para trás num gesto maternal.

“Minha mãe.” Ele parou e limpou a garganta antes de continuar. "Saí em parte por causa dela. Em parte por sua causa. Não estava pronto para ela ir tão rápido. Ela era a única pessoa na minha vida que conhecia todos os meus sonhos e me incentivou. Meus irmãos teriam tirado sarro de mim, se soubessem que eu queria ser um escritor." Ele sorriu para o olhar horrorizado e encolheu os ombros. "É o que irmãos fazem.”

"Ela era a maior fã que eu já tive. E queria que eu fizesse algo com minha vida. Se tivesse ficado em Surrender, eu teria terminado como todo mundo disse que faria. Olhando para a próxima briga. Fazendo problema apenas para passar o tempo. E teria decepcionado a única pessoa na minha vida que tinha total confiança em mim."

Charlie amaldiçoou as lágrimas que não foi capaz de evitar cair por suas bochechas. "Você está errado, sabe. Eu tinha completa fé em você também. Houve um tempo em que eu o teria seguido para qualquer lugar. Eu amei você, e teria mantido te amando, se tivesse me dado à chance. "

"Eu sei disso. Mas depois que ela morreu, senti como se estivesse sozinho no mundo, e as paredes de Surrender foram empurrando em mim. Sabia que você me amava. E saí porque

eu era jovem e estúpido o suficiente para pensar que o amor duraria até que eu voltasse. Eu tinha um monte de crescer a fazer, querida. Nós dois tínhamos."

Charlie sabia que ele estava certo. Quem sabe como as coisas teriam sido entre eles, se tivesse ficado em Surrender. Será que eles se casariam? Teriam mais filhos? Teriam terminado em um amargo divórcio, porque Dane tinha sido forçado a desistir de seus sonhos para uma mulher-criança e um bebê?"

"Está tudo bem, Dane." Disse ela, tocando seu rosto. “Realmente está. Eu entendo por que você deixou. Você não me deve mais nenhuma explicação."

Dane não podia deixar de baixar seus lábios nos dela. A tentação era grande demais. Ela suspirou contra os lábios dele e podia sentir o salgado das lágrimas. Seu corpo era exuberante, quente e se encaixava perfeitamente contra o dele.

"Eu preciso fazer amor com você novamente. Preciso disso como preciso respirar." Disse ele, empurrando a camisola sobre seus quadris como ela tinha feito anteriormente. Ele gemeu quando viu que ela não estava usando calcinha.

"Sim." Ela gemeu.

Foi todo o incentivo que precisava. Tirou a camisola por cima da cabeça e de pé, levantando-a nos braços. "Eu quero levá-la em uma cama desta vez."

Ela riu contra seu peito. "Se bem me lembro, nunca tivemos muita sorte para encontrar uma." Ela deu-lhe indicações para o quarto principal e colocou-a de pé na base da cama.

"Vou te amar de todas as maneiras que sonhei nos últimos dez anos." Disse ele. "Consiga-se na cama e feche os olhos."

Ela deu-lhe uma piscadela atrevida e rastejou sobre a cama, seu traseiro apresentado perfeitamente para ele, e sentou-se no meio das almofadas, fechando os olhos como ele tinha pedido. Ele retirou de suas roupas rapidamente e foi vasculhar suas gavetas para o que precisava.

Mudou-se em silêncio do outro lado da sala, seus anos de aprontar dentro e fora de territórios hostis servindo-lhe bem.

"Você sabe o que eu estava fazendo antes de chegar aqui?" Charlie ronronou.

Ele parou com a mão na maçaneta de sua gaveta da cômoda e se virou para olhá-la. Ela passou a dedo no pico rígido de seu mamilo e ele podia ver os arrepios dos eixos de sua carne a partir de onde estava.

"Diga-me." Sua voz estava rouca de desejo, e seus dedos finalmente encontraram o que estava procurando.

"Eu estava tão perto." Ela beliscou seu mamilo uma vez, antes de deslizar a mão por entre suas coxas. “Estava pensando em você. Desejando que fosse sua boca em mim, ao invés de meus dedos."

"Mostre-me."

Ele aproximou-se da cama, assim que ela separou suas dobras. Elas estavam molhadas com o orvalho de sua excitação, e viu quando ela circulou o botão apertado com os dedos. Sua respiração veio em ofegos rasos e ele não queria nada mais do que se juntar a ela na cama. Luar prateado filtrava através das cortinas e lançou um brilho suave em todo seu corpo.

Ele esperou até que estivesse à beira da realização, antes de se juntar a ela na cama e rastejou entre as coxas. Sua língua tomou o lugar de seus dedos, e ele trouxe-a rapidamente sobre a borda com apenas um movimento de sua língua. Ela era doce, e ele beijou o seu

caminho até seu corpo, com especial atenção para cada pico e o vale, amando a mulher que ela se tornou.

"Eu quero que você sinta tudo o que faço com você esta noite." Disse ele, tomando a meia preta que tinha encontrado em sua gaveta e amarrando-a sobre os olhos. "Esta noite é toda sobre os sentidos. Você concorda?"

"Enquanto eu conseguir te provar. Quero sentir você na minha boca. Este sempre foi um dos meus maiores prazeres."

"Por que não trocamos de lugar, e você pode ver se é o mesmo que você se lembra." Ele ajudou-a a sentar-se e, em seguida, colocou em suas costas. Ela usou as mãos ao longo de seu corpo para ajudá-la a encontrar seu caminho, e ele gemeu quando o levou em sua mão.

"Tão pesado e cheio." Ela murmurou, inclinando a cabeça na direção de seu pênis se esforçando. Seus dedos eram seus olhos, e ela teve certeza que não havia uma parte dele que foi descoberta.

"Pare de me provocar, mulher."

Sua risada gutural disse-lhe que sabia exatamente quem realizou todo o poder. E não era ele. Seus dedos agarraram os lençóis quando sentiu a umidade quente de sua boca cercando-o.

"Você tem meu gosto." Disse ela, lambendo-lhe a ponta do eixo e, em seguida, levando-o para baixo completamente.

Dane sentiu a garganta aberta e as ondulações sutis de sua língua contra a parte inferior de seu pênis. Suas bolas apertaram, e ele sabia que se não a parasse agora, não haveria como voltar atrás.

"Chega, bebê. Venha aqui." Ele a ajudou a se mover para cima de seu corpo e escarranchar sua cintura. Ela agarrou seu pênis e, lentamente, abaixou-se em seu eixo rígido. "Sabe quão sexy é ver você em cima de mim com essa venda nos olhos?"

Ela gemeu em sua garganta quando empalou a si mesma, pouco a pouco. E quando se sentou em cima dele totalmente, sua cabeça caiu para trás em um gemido de pura sensação e

prazer. Ela acariciou seus seios, segurando-os juntos para que eles se sentassem gordos em suas mãos, e a visão foi quase sua ruína.

Agarrou seus quadris e começou a se mover, alternando entre mover seus quadris juntos e empurrar em golpes completos em sua boceta apertada. Para vê-la em cima dele, sem inibições, foi uma das coisas mais bonitas que já tinha visto. Era uma dança de uma música inédita que controlava os quadris e as mãos, e ele quase gozou muito cedo, quando a sentiu atingir a cerca e pegar suas bolas.

Dane sentou-se assim que foram entrelaçados, tão perto como dois amantes poderiam ser, e mordeu o mamilo oferecido, fazendo-a ofegar e sua boceta apertar ao redor dele.

"Mmm, você gosta disso, não é?" Acalmou o mamilo e em seguida transferiu para o outro, repetindo o processo. Ela apertou ao redor dele como um torno e jogou a cabeça para trás em sinal de rendição. Os pulsos de orgasmo dela eram quase o suficiente para mandá-lo ao longo da borda.

Quando ela estava mole em seus braços, ele lentamente puxou dela e deixou-a cair de costas na cama. "Eu não terminei com você ainda."

"Deus, Dane. Não sei se aguento mais."

"Adoro ouvir meu nome em seus lábios." Disse ele, beijando-a suavemente na boca. Suas línguas entrelaçaram e o carinho preguiçoso construído rapidamente no calor. Ele afastou-se e mudou-se para fora da cama.

"Aonde você vai? Pensei que não terminou comigo ainda." Seu sorriso realizava desafio, e ele estava mais do que pronto para atendê-la.

“Longe disso.” Ele posicionou-a para que seus pés estivessem no chão e seu corpo estivesse debruçado sobre a cama. Colocou seus braços acima de sua cabeça e fez o seu pé para suas pernas estarem juntas. Amarrou a outra meia em torno de suas coxas para que ela não pudesse espalhar suas pernas.

"Isso vai ser um desafio. Ou você mudou de ideia? Eu sou demais para você, afinal?"

Dane rosnou baixo em sua garganta, a visão de sua bunda no ar esperando por ele e seu corpo exibido como uma oferenda erótica deu-lhe os instintos de um animal. Ele não queria nada mais do que reclamá-la.

"Você sabe o que se parece?" Perguntou, correndo um dedo por sua espinha. "Sua pele é tão suave e pálida. Seu cabelo está desgrenhado em torno de seus ombros. E sua doce bunda é minha para tomar."

Ele continuou o caminho de seu dedo para baixo na fenda de suas nádegas, no doce néctar que revestia a boceta dela, e depois se voltou para o pequeno no rosado de seu ânus. "Algum dia eu vou levá-la aqui." Ele sussurrou. "Mas não hoje. Eu não iria durar, com seu traseiro apertado em volta de mim. E não tenho certeza de que eu poderia ser gentil o suficiente para essa primeira vez."

Ela gemeu em suas palavras, e ele observou o nó despertar no interior de suas coxas. Ela levantou a bunda para o seu dedo vagando e lhe deu o que queria. Empurrou apenas a ponta do seu dedo no botão apertado, e ela fechou em torno dele, apertando seus músculos para levá-lo ainda mais. Tentou abrir as pernas e tomar mais dele, mas a meia amarrada ao redor de suas coxas impedia de alcançar seu objetivo.

"Não seja tão gananciosa, querida. Vou te dar o que quer." Finalmente. Dane mergulhou os dedos para trás em sua umidade, revestindo seus dedos, e então ele tomou o seu eixo pulsando em sua mão, certificando-se que ele estava lubrificado o suficiente.

Pegou um travesseiro da cama e empurrou-o sob os quadris de modo que o ângulo era melhor, e gemeu com a visão dos lábios de sua boceta molhada, bem fechada e juntas, aguardando seu pênis. Empurrou dentro dela lentamente, o ajuste tão forte nessa posição que o suor saiu em sua testa e suas mãos tremiam com antecipação. Foi a visão mais erótica que já tinha visto, seu pênis desaparecendo entre as dobras apertadas que estavam molhadas só para ele.

Quando as bolas tocaram sua bunda, ele respirou fundo e segurou ainda, lutando pelo controle. Ela estava tensa debaixo dele, suas unhas cavando na cama.

"Estou machucando você?"

"Não, eu estou tão perto. Tão cheia."

Ele tomou sua venda fora e disse: "Olhe para nós. Olhe como nos encaixamos." Seu espelho da penteadeira estava sentado na frente da cama, e ele viu seus olhos se ajustarem na reflexão e apreciar a vista deles juntos. Ela apertou em torno dele ainda mais, e não conseguia segurar os tremores finos que abalaram seu corpo.

Dane segurou seu olhar quando começou a se mover dentro e fora dela, lentamente no início para fazer o ajuste apertado encaixar mais fácil. Mas quando ela começou a empurrar de volta contra ele, não pôde deixar de se mover mais rápido. Seus olhos nunca vacilaram fora de si. Suas mãos presas em volta da cintura, quando sentiu sua boceta agarrá-lo com mais força. Todo o seu corpo tremia de prazer e ela gritou seu nome enquanto gozou aos pedaços ao seu redor.

Seu prazer era tudo que precisava para deixar ir. Ele se inclinou sobre ela e empurrou profundo. Uma... duas... três vezes antes de seu gozo balear dentro dela. Caiu sobre suas costas e se aninhou em seu pescoço.

"Eu te amo, Charlotte. Eu sempre te amei." Mas suas palavras não foram ouvidas. Ela estava dormindo.

CAPÍTULO SEIS

Dane se afastou dela e desamarrou as pernas. Seus próprios membros eram instáveis quando ele se deitou ao lado dela e recolheu-a em seus braços. Ela se moveu contra ele e abriu sonolentos, olhos desconfiados.

"Dane." Disse ela. "Por favor, não faça isso mais difícil do que é. Não pode ser o suficiente para que eu ainda te queira? Que você é o único homem que eu sempre quis?"

Ele suspirou contra seu cabelo e sentiu a embreagem do coração. "Venha comigo." Disse ele, puxando-a pela mão e levando-a para o banheiro. Ele sentou-se na beirada da banheira de hidromassagem e foi sobre transformar a água e jatos. E quando a temperatura era apenas certa, ele a pegou em seus braços e baixou os dois na água espumosa.

Sentou-a entre suas coxas para que suas costas se inclinassem contra ele, e passou a tarefa de lavá-la. Em homenagem ao seu corpo, e deixando-a sem dúvida que era adorada. Ele se divertia com seus suspiros e gemidos de prazer e mudou seu corpo para sua ereção, situada entre as coxas. Empurrou dentro dela lentamente, seus tecidos inchados e a água lavando seu lubrificante natural, dificultando a entrada.

Quando ele estava dentro dela até o punho, apoiou as pernas sobre suas coxas e trouxe seus braços em volta de sua cintura. Apenas segurando-a. Apenas tocando-a. Ele derramou sabão em suas mãos e alisou-a através de seus seios e para baixo de seu estômago. Ela apertou ao redor dele em antecipação.

"Eu quero saber do nosso filho, Charlotte". Ela ficou rígida em seus braços, mas ele manteve a sua massagem suave, até que relaxou novamente. "Eu não posso mudar o passado. Estou em uma posição agora onde eu posso fornecer para vocês dois. Dar-lhe as coisas que você merece ter. Não poderia oferecer isso a você antes."

"Essas coisas não me importavam, Dane. Você era tudo o que importava."

"Ser capaz de fornecer-lhes importava para mim. Eu tive uma oferta de uma editora para escrever um livro sobre algumas das minhas experiências como jornalista. Algumas das

coisas que nunca fiz em minhas colunas. Não teria que viajar, se levasse em cima dele. Eu poderia escrever aqui. Estar com você. Conhecer nosso filho."

Ele ergueu o corpo para cima e para baixo com as mãos ensaboadas, assim seu pênis estimulava suas dobras inchadas. Moveu a mão entre as pernas dela e esfregou seu clitóris em círculos lentos, enquanto massageava um mamilo entre dois dedos com a outra mão.

"Eu te amo, Charlotte. Por favor, me perdoe! Deixe-me de volta para sua vida. Na vida do nosso filho. Vou implorar se eu tiver. E prometo nunca deixar você de novo."

Soluços silenciosos sacudiram seu corpo, mesmo enquanto ela se contorcia contra ele em prazer. Água espirrava sobre a borda da banheira quando suas estocadas se tornaram mais duras. Seus dedos se moviam mais rápido e suas bolas apertaram com lançamento iminente. Ele enterrou o rosto em seu pescoço e lambeu e mordiscou a pele logo abaixo da orelha. Charlotte gritou seu nome e pulsava em torno de seu pênis, assim que ele empurrou uma última vez e derramou em seu próprio orgasmo.

Ele sufocou uma maldição quando ela afastou-se dele, mas a deixou ir. Não havia mais nada que pudesse fazer para defender seu caso. Disse a ela a verdade sobre se hospedar em Surrender. Era hora de voltar para casa e criar raízes. Querendo ou não ele os colocaria para baixo com Charlotte que seria sua decisão.

Drenou a água da banheira e seguiu para fora, aceitando a toalha, que lhe ofereceu com um olhar desconfiado. Seu cabelo estava úmido nas extremidades, de modo que ela colocou-o em um clipe e secou o resto do seu corpo em silêncio. Dane seguiu de volta para o quarto e viu como ela ficou na cama. Ele estava prestes a começar a olhar as suas roupas, para que pudesse se vestir quando ela finalmente falou.

"Você falou sério?" Perguntou ela. "Realmente me ama, ou apenas quer ser uma parte da vida de Jayden? Tudo bem se fizer isso, Dane. Eu não vou mantê-lo dele. Só não quero que você sinta como se não pudesse ter um sem o outro."

Dane sentiu seu coração se abrir, e exalou uma longa respiração controlada. Caminhou até a cama e ficou ao lado dela, virando-a para que não tivesse escolha, além de enfrentá-lo, e seus medos, de frente.

"Eu quis dizer cada palavra. Sempre te amei. Quero ser parte da vida de Jayden também. Mas quero vocês dois."

"Não vai ser fácil para você. Jayden não vai entender por que você deixou. Por que se afastou. Vai ser difícil para ele em primeiro lugar ter tanto de sua atenção. Ele não teve qualquer influência masculina em sua vida, exceto para o meu pai."

"Vamos levar as coisas devagar, bebê. Todos nós. E eu tenho certeza que uma vez que Jayden conhecer meus irmãos, ele vai ter mais influência masculina do que você pode imaginar."

Charlie gemeu e riu ao mesmo tempo. “É disso que eu tenho medo.”

Ele tirou uma mecha de cabelo para trás de seu rosto e beijou-a suavemente. "Eu quero dar a Jayden meu nome." Disse ele. "Quero dar-lhe o meu nome. Case-se comigo, Charlotte."

"Uau, isso não é exatamente indo devagar." Disse ela, nervosa.

"Nós vamos ter um longo noivado. Vamos deixar Jayden se acostumar a me ter e meus irmãos ao redor."

Ela ficou em silêncio por tanto tempo que o pânico começou a se estabelecer em seu peito. Talvez ele empurrasse as coisas longes demais. Quando empurrou suas mãos contra o peito dele, fugiu para longe, tentando dar-lhe algum espaço. Mas quando se virou para as costas, ele ficou surpreso ao vê-la segui-lo de novo. Ela montou suas coxas e apoiou os braços sobre o peito. Sentiu seu pênis mexer contra o calor úmido de sua boceta e gemeu. Ele ia estar dolorido, se as coisas mantivessem como o que tinham.

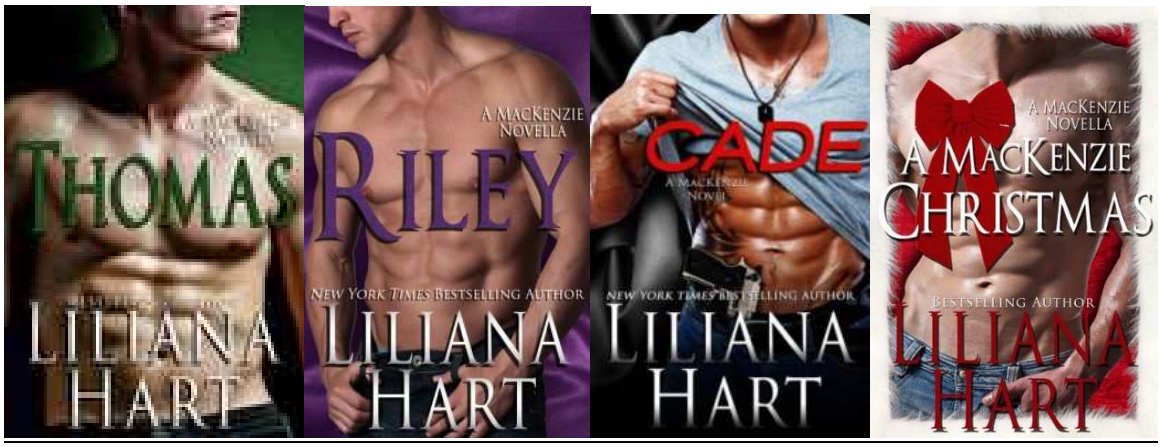
Charlotte tomou seu rosto entre as mãos e beijou-o. Sua língua lambeu ao longo da costura de sua boca, até que ele abriu para ela e enfiou a língua dentro. Era doce e cheia de promessas. Cheia de futuro.

"Eu vou me casar com você, Dane MacKenzie. Nunca deixei de te amar, e vou continuar te amando. Para sempre."

Uma risada de pura alegria retumbou na garganta de Dane e ele capotou Charlotte às costas, entrando nela completamente em um golpe. Ele balançou os dois para a conclusão e, em seguida, beijou as lágrimas de felicidade de seus olhos.

"Você é meu coração." Ele sussurrou enquanto se movia para que ficassem de lado, ainda intimamente ligados, e cobriu com um lençol. "Para sempre, Charlotte."

FIM

Acesse meu blog: http://angellicas.blogspot.com

Próximos: